

# RESENHA

# A AUTORIA NA TRANSFORMAÇÃO

JOSÉ RIBAMAR FERREIRA JUNIOR

CENTRO DE ESTUDOS DE CRÍTICA GENÉTICA  
P U C / S P

*Resenha da dissertação de mestrado Do Memorial às Memórias do Fim ao Começo, defendida por Lucilinda Ribeiro Teixeira no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP em 1995, sob orientação da Profa. Dra. Cecília Almeida Salles.*

**a** dissertação de mestrado de Lucilinda Ribeiro Teixeira acena para questões de grande relevância contemporânea.

A pesquisa, em última instância, depara-se com a questão da autoria. A procura minudente, empreendida pela pesquisadora, foi, sem dúvida, colossal. Diante da obra do romancista paraense Haroldo Maranhão, *Memorial do Fim*, Lucilinda investigou, não apenas alguns, mas, literalmente, todos os rastros da criação do autor, dentro do recorte da obra definido na pesquisa. Maranhão foi buscar nas obras de Machado de Assis (Dom Casmurro, Memorial de Aires, Quincas Borba e Memórias Póstumas de Brás Cubas) não somente inspiração. Num processo extraordinário de apropriação — inquestionavelmente criativa —, o romancista recolheu o material léxico-sintático machadiano e o transformou, recolocando os fragmentos retirados da obra de Machado numa nova articulação estrutural e semântica.

A interpretação desse ato transformador — ao mesmo tempo em que esboçava uma conceituação — foi, em síntese, o que a

autora da dissertação conseguiu equacionar. No campo metodológico do trabalho, fica claro para quem o lê que existem ecos de um conceito concebido por Edgar Morin. Trata-se da migração conceitual, analisada, por exemplo, no livro *Introdução ao Pensamento Complexo*. Mesmo não sendo citada formalmente, essa formulação conceitual fica subjacente em todo o trabalho. O pensador francês acredita que a ciência estaria “engarrafada” se os conceitos não viajassem de uma área do conhecimento para outra. Valoriza-se, portanto, a metáfora, sendo esta entendida, conscientemente, como metáfora.

Com essa base metodológica, Lucilinda Teixeira, de algum modo, seguiu a trilha moriniana. Ao migrar o conceito de montagem da filmografia de Sergei Eisenstein, a pesquisadora construiu um mapa conceitual alicerçado na idéia da justaposição imagética. Essa seria uma fecunda formadora de metáforas:

*“Eisenstein define montagem como a justaposição de dois planos de qualquer tipo, que ao serem unidos, deixam de parecer a soma desses planos para criar outro plano. Isto se aplica ao processo que Haroldo usa, quando une duas peças de trechos diversos de Machado e através da justaposição cria uma nova peça com qualidades diferentes. Assim, colando fragmentos, sua narrativa vai emergindo através da montagem”.*

O encadeamento interpretativo que pontua a análise dialoga com a idéia de multiplicidade, elaborada por Ítalo Calvino e com o dialogismo de Mikhail Bakhtin. Isso se faz sentir tanto no aspecto de discussão teórica quanto na dimensão exemplificativa, ou seja, na forma laboratorial materializante. Essa experiência se dá quando da conclusão do trabalho. Lucilinda Teixeira utiliza o mesmo sistema apropriador do romancista objeto do seu estudo. Desde modo, a pesquisadora também entra no processo lúdico, dando, ela própria, uma nova semântica àquele mesmo material fragmentado.

A dissertação expõe os passos do romancista através de manuscritos, anotações e diagramas etc. Como todo estudo em Críti-

ca Genética, o trabalho enfrenta o problema da exposição dos documentos de processo de forma a deixá-los legíveis e, ainda, agradáveis para a decifração do leitor. No caso dessa dissertação, a saída, até em razão do procedimento do romancista, poderia apontar para uma aproximação com os canais *multimidiáticos*. Seria, sem dúvida, outra maneira de apresentar a idéia-chave do trabalho: a transformação proporcionando o surgimento de uma nova autoria.

A inserção desse encaminhamento remete para o processo a definição da autoria. É uma questão, indiscutivelmente, atual. E, de alguma forma, sinaliza para uma convergência analítica, estendendo-se como referência para outras áreas da construção artística.

## NORMAS PARA ENVIO DE ARTIGOS

*Manuscritica* – Revista de Crítica Genética está aberta a colaborações nacionais e estrangeiras.

Todos os artigos serão submetidos à apreciação da Editoria Científica.

Os textos devem ser entregues em disquete e três cópias impressas.

Os artigos devem apresentar um resumo de no máximo cinco linhas, seguido de sua tradução em inglês e francês.

As ilustrações devem ser originais ou cópias nítidas passíveis de reprodução.

Manuscritica - APML

Al. Ministro Rocha Azevedo, 373/42A

01410-001, São Paulo/SP – Brasil



Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP  
CEP 05422-970 - Fax: (011) 815 6996  
Tels.: (011) 210 1179/210 6501